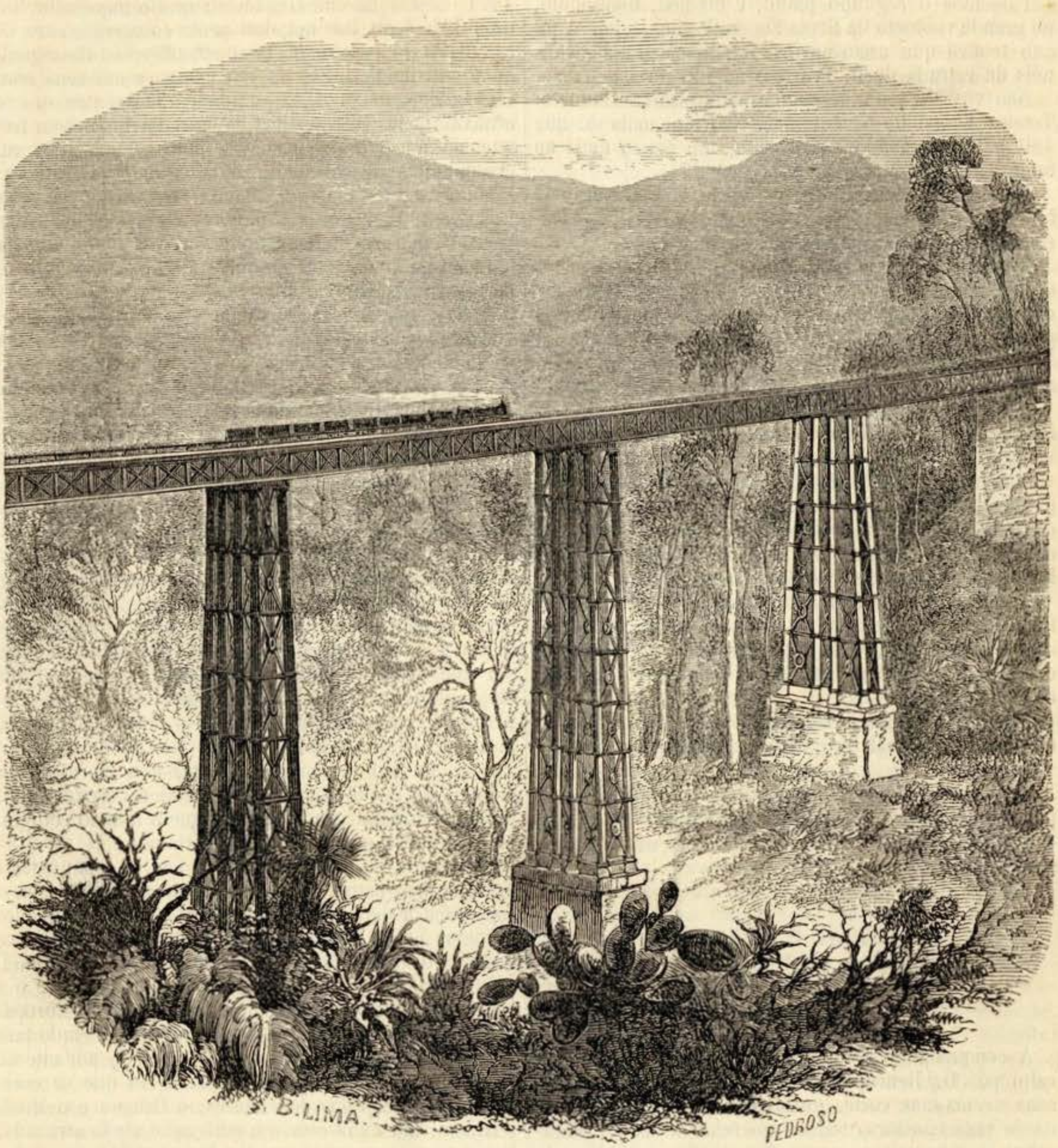


Brasil — Viaducto da Grota Funda, na estrada de ferro de Santos a S. Paulo

Se o leitor é amigo de viajar como aquelle que escreve estas linhas, convido-o a um lindo passeio do porto de Santos ao interior d'esta bella provincia de S. Paulo.

Em Santos pouco temos que admirar, a não ser o seu excellente porto de mar, onde vem navios directamente da Europa commerciar com o primeiro porto d'esta provincia, e algumas casas de apparatosa perspectiva, notando-se entre ellas o palacete do sr. commendador Manuel Joaquim Ferreira Netto, todo construido de soberba pedra vinda de Lisboa, e o hospital da misericordia, o qual, bem que pequeno, ganha pela sua antiguidade e primazia, pois foi o primeiro estabelecimento pio que a piedade dos portuguezes eregiu no Brasil.

Braz de Cubas, o homem da caridade, lançou-lhe a primeira pedra em 1547, quarenta e sete annos depois do descobrimento do Brasil, precedendo a acquiescencia do capitão-mór da capitania de S. Vicente, Christovão de Aguiar Altero, obtendo confirmação do governo de Lisboa em 2 de abril de 1551.

Tambem temos de notavel a egreja dos terceiros do Carmo. Leitor, ao passardes em frente do portico sagrado, inclinae reverente a fronte, e para isso tendes duplicada razão.

Além da santidade do templo, descançam alli as cinzas venerandas do patriarcha da independencia do Brasil, o sabio que com o seu nome encheu a America e a propria Europa, José Bonifacio de Andrada e Silva, em fim.

Já não temos que passar essas duas legoas de enfadonho mangue, nem tão pouco subir a grande e formosa serra de Paranapiacaba, mais modernamente chrismada — do Cubatão. Estamos livres das manhosas e pessimas bestas de aluguer, ou das incommodas diligencias.

O comboio da estrada de ferro está a partir. Em quanto atravessâmos o mangue! Estamos na raiz da

serra, no primeiro plano inclinado. Admirae agora as machinas fixas que ao mesmo tempo fazem subir e descer dois comboios.

Passemos o segundo plano, e eis-nos, finalmente, no grande viaducto da Grota Funda. Vamos, leitor. Aqui não tendes que assustar-vos, faltam os grandes túneis da estrada de D. Pedro II no Rio de Janeiro.

Não vos assuste a descommunal altura do viaducto. Tendes tempo de o examinar. Não tem mais do que 180 pés, e o fundo do abysmo, um pouco mais ao longe, não mede acima de 370 pés.

Vêde como são gigantescas essas nove pilastras de ferro, engradadas entre si pelo mesmo metal, e assentes sobre solidas bases de grossa cantaria.

Admirae a grande garganta que alli fórma a serra, e não menos admirae a grande obra que tem uma elevação de 10,100, e uma curva de raio de 2:000 pés.

Deixemos por um pouco a maravilhosa obra. Vamos contemplar a natureza magestosa da America.

Não temos aqui os viaductos de Guadarrama, de Pancorvo, que da Hespanha conduzem á França; não vemos aqui os pincaros elevados d'essas serras, devassando as nuvens com a triste nudez dos seus penhascos; mas, em compensação, vemos desde as quebradas até ao alto da serra as mattas seculares, subindo pelas annosas arvores as trepadeiras, cujas bellas flores caem em lindos festões de suas comas.

Apreciae o melancolico murmurio das cristallinas aguas que se despenham de rocha em rocha, formando soberbas cascatas, cujo estrepito tanto se casa com o mavioso e terno gorgeio do sabiá, e com o trinado da solitaria arapouga.

Deixemos, porém, esta encantadora solidão, tocou o apito; é o signal da partida; prosigamos em nossa viagem.

A gravura que orna este artigo é tirada de uma photographia do habil artista portuguez o sr. Silva.

S. Paulo, abril de 1866. JULIO DE AROUCE.

O INFANTE D. HENRIQUE

(Vid. pag. 106)

IX

A conquista de Ceuta e as proezas obradas no assalto por D. Henrique tinham apregoado a fama de suas armas nas côrtes guerreiras da Europa. Não só desde essa epocha o rodeou no reino a flor dos mancebos e cavalleiros, como fóra d'elle a noticia de suas acções, divulgada pelos aventureiros que haviam acompanhado, em 1415, a armada de D. João I, firmou o merecido conceito de seu valor e sabedoria. Andavam por isso sempre em casa do infante os fidalgos de mais reputação, e muitos estrangeiros illustres, attrahidos de todos os paizes pelo desejo de o conhecer, ou pelo ardor de quinhoarem os perigos de suas emprezas. D'esta opinião se derivou o erro de fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos* (liv. VI, fl. 331), que José Soares da Silva repetiu nas *Memorias del-rei D. João* I, soppondo ambos que o infante fôra eleito rei de Chypre, eleição impossivel, porque, cedida a ilha em 1191 a Gui de Lusignan, sua posteridade reinou sem quebra até 1487.

Mas a purpura real em que podia realçar a nobreza herdada e natural do filho do vencedor de Aljubarrota? Sem diadema, D. Henrique era um dos principes mais celebres e respeitados do seu tempo. Gomes Eannes, na *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* (cap. VI), exaltando as virtudes do duque de Vizeu, mostra-nos como os soberanos mais illustres tinham os olhos fitos n'elle, e por vezes quizeram valer-se do seu braço em lances arriscados. O papa Martinho V (?) convidou-o para capitão de seus exercitos provavelmente pelos annos de 1420 ou de 1421, depois da embaixada em que o imperador Manuel Paleologo lhe mandou pedir soccorro contra os turcos. O imperador Segismundo offereceu-lhe egualmente distincto logar no seu campo e em seus conselhos, informado das qualidades eminentes que o ornavam pelas relações dos agentes enviados com frequencia á côrte de Lisboa, e pelos elogios dos representantes de Portugal no concilio de Constança. Finalmente, os reis de Castella, D. João II, e o de Inglaterra, Henrique V, um como visinho, outro como parente, não careciam senão de ouvir os subditos para apreciarem o caracter do infante, e lhe proporem os partidos mais vantajosos.

Fiel á sua divisa e constante no entranhado amor votado á patria, D. Henrique não se deixou vencer da vaidade de reverdecer no Oriente as palmas africanas, nem do orgulho irreflectido de ser o primeiro ao lado dos Cesares modernos, ou de outro poderoso monarcha. Em suas mãos a espada era instrumento civilisador, e não meio de engrandecimento pessoal. Se a apontava ao rosto das cidades infieis, se ardia em desejos de rasgar com ella o caminho das victorias desde Tanger e Alcacer até Fez e Marrocos, n'estas aventuras, ou no ousado commettimento das navegações, nunca olhou por si, accrescentando dominios, ou levantando á propria ambição novos imperios. Cumpria o voto da sua alma e da sua fé. Dilatava o culto do seu Deus e o esplendor da terra em que nascêra. Tudo o que descobriu, tudo o que conquistou ou ajudou a conquistar, foi por elle generosa e espontaneamente doado á ordem de que era mestre, não guardando senão o direito de não descançar em tão prolongada fadiga, e a gloria de ter feito d'este pequeno reino occidental o berço da mais profunda e admirada revolução que o mundo contemplára desde a quéda do imperio romano.

Encerrado na quasi solidão de Sagres, com a vista cravada nos astros e nas ondas, seguia d'alli com a esperança a derrota dos intrepidos pilotos, mandados a tomar posse do futuro contra os receios do incognito e os erros da sciencia, dois terrores invenciveis apostados a cerrarem as portas do Oriente e a revelação do novo mundo ás raças da velha Europa, ainda incredulas. Fôra em 1416 que D. Henrique lançára os fundamentos da povoação riscada por elle no cabo de S. Vicente, quasi no ponto em que se combatem as aguas dos dois mares, o Oceano e o Mediterraneo. Em 1453 estava a edificação ainda atrazada. Existiam apenas os muros de *boa fortaleza*, que cingiam a villa, e algumas casas e officinas construidas para o trato dos mercadores e navegantes que passavam de levante a poente, os quaes o infante desejava attrahir, disputando a Cadix, menos abrigada, a supremacia que a posição lhe assegurára [1]. Os genovezes, grandes mestres na arte de navegar, notando o assento e as vantagens que a villa promettia, propozeram a D. Henrique elevado preço pela concessão de uma feitoria, ou talvez pela auctorisação de fundarem uma colonia similhante ás que possuiam nas costas do mar Negro, entre as quaes Smyrna e Caffa eram já citadas pela opulencia [2].

Engeitou o infante a proposta. Conhecia os genovezes. Sabendo que não costumavam empregar os capitaes sem a certeza de grossos lucros, confirmou-se no proposito de os não admittir por socios, o que infallivelmente havia de acontecer se lhes abrisse o territorio. Genova, a esse tempo poderosa e mercantil, vangloriava-se de alargar os estabelecimentos e a in-

1 Gomes Eannes de Azurara. *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, cap. V, pag. 33 e 34.

2 Ibidem, cap. V, pag. 34. Vid. a erudita nota do editor sobre a importancia do commercio e marinha de Genova.

fluencia pela Asia e pela Africa, dominando Constantinopla com o senhorio de Pera e Galata, e o archipelago com o dominio de Scio, Mytilene e Tenedos. Os principes italianos, os imperadores gregos, os sultões do Egypto e os reis de Castella e de Aragão pleiteavam-lhe a alliança, invocando com frequencia os auxilios da sua marinha. D. Henrique dispensou a visinhança e os soccorros navaes da republica, preferindo com prudencia triumphos mais lentos mas seguros á perigosa intervenção de alliados ávidos e incommodos, que de certo lhe teriam disputado depois os mais bellos padrões de gloria, e absorvido pelo menos avultado quinhão nos fructos colhidos em premio de tantos sacrificios e trabalhos.

A data em que D. Henrique encetou as navegações não consta por modo authentico. Damião de Goes, na *Chronica do principe D. João;* Soares da Silva, nas *Memorias del-rei D. João* I; Cadamosto, no opusculo de *Suas Navegações;* e Gomes Eannes, na *Chronica de Guiné*, variam mais ou menos sobre a epocha do começo das explorações. O douto cardeal Saraiva, no *Indice chronologico*, aponta o anno de 1416 ou o de 1417 como data provavel das primeiras tentativas para dobrar o cabo Bojador seguindo para o sul. Azurara, affirmando que Gil Eannes partíra pela primeira vez de Portugal em 1433, *havendo já doze annos que o infante mandára descobrir*, faz remontar a 1421 e não a 1419, como assevera Goes (*Chronica do principe D. João*, cap. VIII), os ensaios de certo ainda timidos, em que o principe apalpou as difficuldades. Cadamosto equivoca-se confundindo o anno em que Gil Eannes montou o cabo Bojador com o anno em que tinha sido montado o promontorio Nam, o qual Damião de Goes quer que fosse dobrado em 1415, em quanto Antonio Galvão e Faria e Sousa (*Memoria de todas as armadas*) sustentam que já o fôra tres annos antes, em 1412. A verdade é que os esforços maritimos dos portuguezes para se adiantarem além do cabo Nam datavam do seculo XIV e do reinado de Affonso IV. As nossas caravelas não só tinham avistado, mas transposto aquella primeira columna antes de 1333, segundo attestam os documentos publicados por Ciampi, e a carta do avô de D. João I ao papa Clemente VI.

A erudita dissertação do sr. J. José da Costa de Macedo, impressa no tomo VI das *Memorias da academia real das sciencias*, e os additamentos publicados em 1835, resolveram com evidencia todas as dúvidas a este respeito. A data de 1421, que resulta das asserções de Azurara, exclue a expedição de João Gonçalves Zarco das viagens ordenadas para os descobrimentos além do Bojador, mas parece-nos mais razoavel a opinião de Barros (Decada I, cap. II) e a de D. Francisco Manuel de Mello (Epanaphora, III, pag. 313), os quaes inculcam terem devido Zarco e Tristão Vaz ao acaso e á furia de um temporal a vista da ilha de Porto Santo, navegando com o rumo posto em vencer o cabo.

Não admira que os exordios da empreza fossem laboriosos e modestos. Oppunham-se-lhes, como já observámos em outra parte, as idéas vulgares, os erros dos cosmographos mais consultados, e o terror de novidades, que só prognosticavam infortunios e revezes á imaginação assustada dos pilotos e navegadores enviados pelo infante. Nenhum d'elles se atreveu nos primeiros annos a affrontar o perigo phantastico das vagas inquietas, que de longe viam saltar e referver, e do grande lançamento do cabo para o mar. O medo figurava-lhes irresistiveis aquellas torrentes impetuosas, e mortal a effervescencia das aguas sempre agitadas. Cuidavam que, uma vez engolphados ao sul do pelago, nunca mais poderiam volver ao norte, superando a violencia das ondas!

Estranhando a confiança e a firmeza do infante, combatiam os discretos com a voz geral dos mareantes de Hespanha o que chamavam sonhos sem realidade, lembrando que, entre tantos principes e homens valorosos que produzira a peninsula, nenhum se abalançára nunca a tentar a Deus e a arriscar a alma luctando com o impossivel. Além do cabo, diziam os praticos e os lidos, não ha gente nem povoação; a terra não é menos arenosa que o deserto da Libya (Saharà), sem agua, sem arvores, sem relvas; e o mar anda tão baixo, que a uma legoa de terra mede apenas uma braça de fundo, sendo tão fortes as correntes, que navio que tomem nunca volta.

Estes argumentos revelavam as noções inexactas que os nossos tinham bebido dos antigos auctores e das caravanas do grande deserto ácerca d'aquella parte do continente africano, e a influencia que ainda conservavam as tradições dos geographos arabes sobre o *mar tenebroso* além das ilhas de Kalidád na extremidade do Mogreb [1]. D'estes receios e preconceitos nascia recolherem-se os navios todos os annos, sem mais noticias do que estas, dos mares ignorados, e os capitães procurarem compensar ao infante as despezas, fazendo saltos nas costas de Granada, ou apresando navios infieis nas aguas de levante.

Recolhido da conquista de Ceuta, logo o infante, em 1419, segundo assevera Damião de Goes, encetou os descobrimentos, mas, pelas razões que acabâmos de resumir, nas duas primeiras viagens nenhum piloto se atreveu a passar de sessenta legoas além do cabo Nam. Observando os desejos ardentes do principe, dois escudeiros, mancebos e intrepidos, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, ambos de sua creação, pediram licença a D. Henrique para provarem o valor em uma empreza, e elle, confiado em sua boa vontade, mandou-lhes apparelhar uma barca, e recommendou-lhes muito que demandassem a terra de Guiné, alvo de todas as esperanças. Partiram, mas, pouco depois, salteou-os uma tempestade violenta, que, desviando-os de sua derrota, engolphou-os tanto pelo mar dentro, que, serenado o ar, avistaram uma pequena ilha. Denominaram-n'a *Porto Santo*, em memoria da mercê que Deus lhes fizera, visitaram-n'a, acharam-n'a deserta, mas formosa, e voltaram com a noticia.

Quiz D. Henrique que fosse povoada, e um fidalgo da casa do infante, D. João Perestrello, unido a Zarco e a Tristão Vaz, pediu e alcançou a capitania d'ella, acompanhando os dois escudeiros na segunda jornada. Perestrello ausentou-se por dias, e João Gonçalves e Tristão Vaz, notando a distancia certa sombra de nuvens sempre constante, que parecia annunciar terra, metteram-se nos bateis, e com pouco trabalho saltaram em outra ilha muito maior, tambem deserta, toda vestida de bosques e cortada de levadas e ribeiros. Pozeram-lhe o nome de *Madeira*, pelo copado arvoredo que a escondia, e sem demora vieram communicar ao reino a boa nova. Alegrou-se o infante, e, para os recompensar, repartiu a ilha em duas capitanias, dando a do Funchal a Zarco e a do Machico a Vaz.

Principiou a povoação no anno de 1420, e, protegida pelo principe, cresceu rapidamente. Em 1448, anno em que Azurara concluiu a *Chronica de Guiné*, havia já na Madeira cento e cincoenta moradores, sem contar operarios, negociantes, clerigos e frades, mancebos e mulheres solteiras, gente adventicia que ia e voltava sem residencia certa [2]. Em 1445, Cadamosto, aportando á bella ilha, descreve as altissimas florestas que a cobriam, e de que o fogo lançado para arrotear muitas folhas de terreno havia devorado a maior parte no Funchal; cita quatro terras principaes habitadas, Machico, Santa Cruz, Funchal e Camara de Lobos; e calcula em oitocentos homens, entrando cem de ca-

[1] Vid. Edresi, Bachoui e Ebn-al-Ourdi.

[2] Azurara. *Chronica de Guiné*, cap. LXXXIII — Goes. *Chronica do principe D. João*, cap. VIII — Barros. Dec. I, liv. I, cap. III.

vallo, os defensores que podia chamar ás armas. Apesar de montanhosa, como a Sicilia (accrescenta o veneziano), é fertilissima, colhe todos os annos trezentos moios de trigo, pouco mais ou menos, e assim mesmo as terras que a principio davam sessenta sementes já baixavam na qualidade, porque só produziam trinta ou quarenta! Copiosa de aguas, as torrentes e ribeiras despenhavam-se dos pincaros com a quéda necessaria para mover engenhos de serração, aonde se cortavam em bellissimas pranchas as ricas madeiras de cedro odorifero e de teixo rosado para fabricar bofetes, caixas e armarios de varia invenção muito estimados no reino.

Convidado pelo clima, ensaiou o infante na ilha a cultura da canna de assucar, e não lhe foi ella menos grata do que a Chypre ou á Sicilia, d'onde veiu transportada. Em 1445 a producção do assucar avaliava-se em 468 quintaes, e João de Barros affirma que só do quinto cobrára o mestrado de Christo, por vezes, mais de sessenta mil arrobas, calculo talvez exaggerado [1]. Outra cultura importante, depois tornada fonte de grande riqueza, a da vinha, começára tambem. O infante mandára trazer da ilha de Candia bacellos de Malvasia, e estes, ajudados do torrão e dos ares temperados, enfeitaram em breve as costas de viçosos pampanos, avergando-se as cepas de cachos de dois a tres palmos de comprimento. O vinho, pisado nos lagares, saíu excellente, e grangeou merecida reputação no reino e fóra d'elle. No dizer de Cadamosto, toda a Madeira era um jardim de hortos, pomares e campos, abundante de gados, e opulento pela nobreza e população da terra.

Este jardim escolheu a tradição para theatro de um idylio admiravel, ornando-o com um drama, em que o amor e a saudade lembram os transes dolorosos da antiga fatalidade tragica. A lenda de Roberto Machim e de Anna de Arfet ainda era ignorada no tempo em que escreveu Azurara, que a não refere nem allude? Nos seculos XVI e XVII de certo não, porque havia conquistado foros de popular, enlaçando de ramos phantasticos o tronco historico do descobrimento. D. Francisco Manuel de Mello tomou-a para texto de uma Epanaphora amorosa (a III), e em seu estilo conciso e elegante debuxou em vivas tintas o quadro da paixão no deserto e do desespero inconsolavel sobre um sepulchro.

Roubada por um casamento forçado á ternura de Roberto, Anna, a mais formosa dama de Londres, ousa quebrar o captiveiro, consentindo que o amante a rapte, e que de Bristol procure com ella em um navio o amparo das praias francezas. A execução, para maior infortunio de ambos, coroou o plano. Rotos os laços conjugaes, Anna achou-se uma noite longe da patria, no meio dos mares, sem outro defensor mais do que Roberto. Mas viu-o a seus pés submisso e respeitoso, e animou-se. Olhou para as solidões do Oceano, levemente arrugadas por brandos ventos, e julgou-se livre. As costas de Inglaterra desappareciam-lhe da vista, e com ellas tambem se iam desvanecendo as nuvens dos cuidados que a opprimiam. Navegaram treze dias assim. Os amigos de Roberto, sem piloto e inexperientes, tinham perdido o rumo, e buscavam em vão o porto amigo que lhes fugia.

De subito, por entre os sorrisos da aurora, vêem surgir do seio das aguas, como um sonho, como uma flor, o vulto vicejante de uma ilha. Cobriam-n'a de toda a parte copados bosques, enleavam-se os arbustos estrellados de flores uns nos outros, saltavam nos ramos, em gorgeios e canticos matutinos, as aves de mil côres, e, seguras de receio pela ignorancia do perigo, vinham poisar-se na enxarcia e na amurada. Saltaram em terra os mareantes cançados da viagem. Acharam-n'a linda e viçosa, mas deserta. Um tronco vasado, que alterosa matta de loureiros rodeava, serviu de alcova tapetada de finos e doirados musgos aos dois amantes. A praia estendia-se-lhes diante a beijar as aguas. Uma ribeira, repartindo os braços em meandros graciosos, refrescava o sitio murmurando. Anna e Roberto alli esqueceram por longas horas o passado e o futuro, enlevados nos raptos d'aquelles momentos afortunados. Embebido no amor divino e no affecto humano, desprendia-se o coração aos dois, e voava para se fundir um no outro. Cerrou-se a noite, calou-se o halito da aragem nas ramas, forrou-se o ceo, esmoreceu e apagou-se o brilho dos astros, e soou nas florestas o gemido da grande voz da tormenta, que principiava a empolar as ondas; mas os amantes não despertaram do somno venturoso. Rebentou a tempestade, garrou a nau sem governo entre montanhas de espuma, enovellada na furia dos furacões, e quando a manhã se levantou descórada do leito de nuvens baças, Roberto, acordando do delirio e correndo á praia, só viu o mar em serras, os horisontes fechados e negros, e a praia nua e erma. A tempestade, engolindo ou arrojando os companheiros, convertêra para elle e para Anna em tumulo o deserto! Fragil e timida, sentiu a dama a mágoa estalar-lhe o coração no peito, e, inclinando-se diante da morte, em tres dias, sem uma queixa, sem um suspiro, trocou o desterro pela immortalidade. O cavalleiro, ao qual, despedindo-se do mundo, levára mais do que a vida, sepultou por suas mãos o corpo gentil, e nunca mais se ergueu do logar aonde depositára as cinzas queridas. Cinco dias depois os amigos, voltando, choravam-n'o tambem morto. A saudade dera-lhe a beber de seu doce veneno, e a dor compadecida contou-lhe as horas por momentos. A mesma terra e o mesmo sepulchro fez inseparaveis na morte os que a desgraça unira por tão pouco tempo.

Notemos agora como a lenda se liga com a historia, como a invenção muitas vezes dissimula a verdade. Os companheiros de Roberto, reparada a embarcação, largaram da Madeira e foram arribar ás praias de Marrocos. Receberam-n'os as masmorras dos infieis, onde jaziam já outros christãos. Entre estes, um captivo, natural de Sevilha, João de Morales, piloto experimentado, escutou attento a historia dos amores de Anna e as noticios da nova ilha. Indagou dos inglezes a posição, os signaes e as particularidades da terra, e, restituido annos depois á liberdade, e levado por outro lance repentino aos senhorios do infante D. Henrique, como homem pratico e sagaz lisongeou-lhe a vontade com a revelação do segredo e com a narração do infortunio dos dois amantes.

Accendeu-se a curiosidade do principe, avivou-se-lhe a impaciencia, e, elegendo João Gonçalves por capitão, enviou-o á corte de seu pae, com o piloto Morales, mas o voto dos conselheiros desapprovou a empreza. Avisado do ruim caminho que seguiam as coisas, acudiu D. Henrique em pessoa, desatou as difficuldades, e em julho saía Zarco a barra em um varinel (navio de remo muito ligeiro) para descobrir a Madeira.

Eis a versão que D. Francisco Manuel tirou da relação escripta por Francisco Alcoforado, primeiro chronista contemporaneo do feito, se não foi um dos actores que figuraram n'elle. As paginas de Alcoforado consumiu-as o tempo, e só temos hoje o testimunho que d'ellas nos deixou o auctor dos *Apologos dialogaes*. Como cala, porém, Azurara, tão inclinado a amplificações artificiaes, este facto, que ministrava fecundo thema á sua eloquencia declamatoria? Desprezou-o por fabuloso?

1 Azurara. *Chronica de Guiné*, cap. LXXXIII — Cadamosto. *Viagens*, cap. IV. Tomo II das *Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*.

Em todo o caso não póde negar-se que o episodio respira a ingenua e profunda poesia da edade média, e é para sentir que Camões não cantasse os amores de Anna e de Roberto como tornou immortaes os de Ignez de Castro e o cavalleiroso repto dos doze de Inglaterra. Até nos assumptos ha infelicidade.

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

O CONDE DE BISMARK

Este nome, que ainda ha tres ou quatro annos era apenas considerado como o symbolo do despotismo energico e oppressor, da resistencia tenacissima ás idéas liberaes do seculo, esse nome que todos pro-



O conde de Bismark

nunciavam quasi com desprezo, porque o vulto que elle designava parecia não ser mais do que o representante de uma tyrannia incompativel já com o desenvolvimento dos espiritos, hoje, docemente bafejado pelo sôpro da fortuna, radiantemente illuminado pela deslumbradora luz da victoria, inspira respeito á Europa inteira, e parece destinado a inscrever-se no livro de oiro, onde a humanidade grava os nomes dos grandes estadistas desde Richelieu até ao marquez de Pombal, desde o conde de Chatham até sir Robert Peel.

Não acreditâmos, comtudo, que os actos do conde de Bismark lhe assegurem a immortalidade, que só compete aos genios em que verdadeiramente se encarna o pensamento de um seculo. Proseguidor frio e impassivel da politica tradicional da casa de Brandeburgo, o conde de Bismark obedece, em 1866, ás idéas que dirigiram o grande Frederico em 1740. Abutre e não aguia, o seu espirito habil, mas não grande, não sabe que novo sol derrama a sua luz immensa sobre a humanidade inquieta. Depois de tantos desenganos, commette ainda os mesmos erros que em 1815 commetteram os membros do congresso de Vienna; pondo o general Moltk e as suas duzentas ou trezentas mil espingardas de agulha de sentinella á cratéra que abalou o mundo em 1789, julga que fará cessar os tremores de terra, dá por extincto o volcão, como se esse Vesuvio immenso, de lava fertilisadora, podesse deixar de rugir em quanto sobre as ruinas completas das velhas instituições não campear, tranquilla e sublime, a estatua da liberdade.

Entretanto, vae elle gozando o seu triumpho, e admira a grandeza do edificio prussiano, a que se ufana de ter posto a cúpula e o remate. No principio do seculo XVIII, o manto de arminhos dos marquezes de Brandeburgo transforma-se no pobre e roto manto de Frederico I. Sóbe então ao throno um bandido sublime. Frederico II arranca a Silesia á purpura imperial da casa de Austria, rasga a tunica da Polonia, a martyr do Norte, divide-a entre si e os visinhos, e dá uma amplidão magestosa á sua régia capa. Depois de humilhações sem conto, Leipzig e Waterloo consolam os seus debeis successores das desventuras de Tilsitt, e dão-lhe algumas pennas da aguia que foi expirar exangue nas fragas de Santa-Helena. O manto real da Prussia estende-se agora do Vistula ao Rheno,

mas descosido, separado em dois fragmentos pelo Hanover e outros estados allemães que impedem a communicação immediata e directa entre Dusseldorff e Berlin.

Desde 1815 o governo prussiano mira, cubiçoso e ávido, esse reinosinho de dois milhões de habitantes que a Inglaterra deixou cair, como um appenso incommodo, da coroa dos seus monarchas. O seculo vae caminhando, as raizes da arvore da liberdade plantada em 1789 vão-se ramificando por toda a parte e entumecendo o solo, até encontrarem occasião favoravel de brotarem em vergonteas novas. A Allemanha agita-se, a mesma Prussia se desenvolve, e tanto, que a raça germanica volta para esse paiz juvenil os olhos, e espera que seja na margem do Elba que fulgure o labaro sagrado; mas o governo prussiano nada escuta, a nada attende; escondido na sombra como o tigre, espreita o Hanover, espreita os ducados do Elba, espreita a Hesse eleitoral, as suas presas cubiçadas.

Esta politica tem no conde de Bismark o seu feliz executor. Habil e previdente, com uma das suas mãos de ferro comprime a Prussia, com a outra prepara os seus meios de execução. Em 1864 empolga os ducados do Elba; em 1866, conquistando primeiro as sympathias da Europa pela sua alliança com a Italia, pela sua proclamação do principio das nacionalidades, usa plenamente do seu direito de victoria, e, pondo o pé no pescoço da Austria vencida, graças ao talento do general Moltke, ao armamento superior do exercito prussiano, á energia que a vigorosa vontade do ministro parece insufflar ao rei, aos principes e até aos infimos soldados, graças tambem á inconcebivel apathia do general Benedeck e á falta de unidade nos movimentos dos confederados, repete as scenas de 1815 em mais limitada escala, e, sem se importar com os direitos e as aspirações dos povos, talha em plena carta geographica, da mesma fórma que um anatomico *in anima vili*, e arredonda, em fim, o vasto diadema prussiano na fronte do descendente de Frederico II.

Ah! pois a historia européa desde 1815 até hoje contém em si uma solemne e austera lição. Já não fallo na França, que para sempre suppunham humilhada, e que resurgiu, como a phenix das cinzas, no imperio que se julgava apagado como um sonho epico de dez annos, e que saíu de novo do seio de uma nova republica, na propria familia napoleonica, familia cujas aspirações ao throno Metternich julgava ter enterrado na campa da criança martyr de Schœnbrunn, e, comtudo, isso provaria sufficientemente se os estadistas edificam ou não na areia quando desdenham as aspirações dos povos; mas fallarei apenas na propria Austria, na vencida de agora, na vencedora de então, na Austria a cuja frente estava um outro Bismark, um outro representante do velho despotismo, Metternich. O edificio tão laboriosamente erguido por elle, cimentado com tanto sangue, ahi o tendes por terra. A preponderancia illegitima adquirida pela Austria, ahi a dissipou um sôpro da fortuna. As grandes aguas contidas pelos diques da oppressão retomaram o seu nivel. A Lombardia e o Veneto desprenderam-se para sempre do diadema imperial. Isto succedeu á obra de Metternich, o mesmo ha de succeder á obra de Bismark, o mesmo ha de succeder ás obras de todos os estadistas que não poderem dizer dos povos cuja existencia alterarem, o que o conde de Cavour, esse ministro verdadeiramente immortal, póde dizer acabando de gisar a sua grande obra da regeneração italiana: *L'Italia farà da se.*

E comtudo, Bismark podia acceitar esse papel grandioso. A Allemanha, tão cubiçosa como a Italia de se unificar, desejosa de plantar no seu solo a arvore, cujas sementes, germinando primeiro no espirito dos seus grandes pensadores, tinham ido, levadas nas azas da brisa, fructificar no solo ardente da França, a Allemanha acordava do seu longo sonhar á beira dos seus rios, do seu escavar nas ruinas do passado, do seu meditar sobre a historia, a indole e o destino da humanidade, e preparava-se para entrar na senda que tinha indicado aos povos modernos, e onde tinha sido precedida por elles. Uma palavra de animação, um signo de liberdade, um prenuncio de aurora, e a Allemanha, fremente e de pé em torno das legiões sagradas da Prussia, decepava para sempre o apodrecido tronco dos Hapsburgos, e cingia com o diadema de Carlos Magno e de Carlos V a fronte do rei liberal.

Bismark preferiu as trevas da velha diplomacia, preferiu o direito da espada, a annexação por decreto, as contribuições de Francfort. Até agora o successo tem justificado a audacia, e o homem cujo retrato apresentámos aos leitores do *Archivo* é o heroe da actualidade. Mas podêmos dizer, sem nos impormos como prophetas politicos, que ou é ephemera a obra concluida em Praga por Bismark, ou a Europa retrogradou um seculo, ou a Allemanha é decididamente um paiz fadado para a meditação e incapaz de acção propria, e, illuminando o mundo com os clarões do pensamento, vê-se condemnada a conservar-se na meia luz do despotismo, como essas torres erguidas nas fragas, coroadas com o diadema luminoso dos pharoes, cujo fulgor se espraia pelas ondas, scintilla por entre a cerração dos horisontes, guia ao longe os navegantes perdidos na immensidade, e em cujo seio a tibia luz de uma lampada meio apagada, cortando as sombras de um aposento, vigia tristemente o somno do faroleiro adormecido.

M. PINHEIRO CHAGAS.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 166)

VIII

A CASA DO SENHOR DE HEVIA

Tazones era uma secção de costa que formava um miseravel logarejo, porque só havia n'elle quatro ou seis choças de pescadores.

Não podendo alli permanecer, Carlos V resolveu dirigir-se com os seus para Villaviciosa, porto immediato de Tazones, onde se reunira com o resto da comitiva que podéra salvar-se do tremendo naufragio.

Encontrou alli sua irmã D. Leonor, o valido senhor de Chièvres, o chanceller D. João Selvagem, e varios outros cujos nomes seria enfadonho registar, e todos se hospedaram na casa dos senhores de Hevia, cuja nobreza os fazia passar pela principal familia das Asturias.

Alojaram-se, como dissemos, em sua casa, depois de serem recebidos em Villaviciosa com as maiores demonstrações de enthusiasmo, e assim que se viram reunidos todos os da comitiva, a primeira coisa que fizeram foi dar graças a Deus por ter-lhes salvado as vidas.

Os que viram o principe D. Carlos á saída de Middelburgo, notaram-lhe no rosto, depois da entrada em Villaviciosa, uma alteração que não sabiam explicar.

Mostrava certa melancolia; e nos olhos rasgados observava-se-lhe uma sombra de pezar. Que motivára aquella visivel alteração do monarcha?

Julgavam uns que lh'a causaria a commoção da entrada nos seus dominios, nos dominios onde o esperava o throno radiante dos reis catholicos. Outros attribuiam a mudança do principe ao sobresalto que lhe occasionára a tempestade. Outros, em fim, diziam: «As perdas que se padeceram durante a viagem, os temporaes que nos ameaçaram constantemente desde

que saímos de Middelburgo e que rebentaram no alto mar sobre as nossas cabeças, mettendo a pique os navios da esquadra, são augurios fataes. O principe talvez pense como nós, e isto o mortifica.»

Ninguem atinára com a causa da sua mudança. Nem o proprio D. Carlos, se lh'o perguntassem, se explicaria satisfactoriamente.

O leitor descobriu-lhe provavelmente a origem na apparição que suavisou o somno do principe entre o embate das ondas. E não se enganaria.

— Era aquillo realidade, ou eu sonhava? perguntava para si quando o deixavam só. Hei de tornar a ver essa mulher... a sua voz argentina não se me apaga dos ouvidos.

Carlos, como seu irmão e como sua mãe, tinha ardentes paixões, até então apenas satisfeitas.

O homem que depois havia de submetter a Europa, ou, quando menos, atemorisal-a; o coração que, passado annos, seria de bronze, era então de fogo, mas de fogo comprimido, de fogo que existíra occulto no fundo da alma, até se póde dizer que sob capa de gêlo.

Desejava alguma coisa, de certo. Aquella apparição era a fórma de um desejo, a encarnação das necessidades de seu espirito, e por isso queria têl-a ao lado, vêl-a, ouvil-a, apertar-lhe as mãos, beijar-lhe os labios, como a víra, ouvíra, apertára e beijára durante o sonho!

Nem elle proprio o sabía; mas a apparição preoccupava-o constantemente, tornára-o até carrancudo.

O senhor de Hevia, já ancião, fôra recebel-o ao porto e levára-o para casa.

Seriam quatro horas da tarde quando, depois de ter recebido todos os da sua comitiva e os nobres de Villaviciosa, e de ter jantado á mesa do amphitrião com sua irmã, algumas das damas que a acompanhavam e os principaes do sequito, pediu o principe a todos que o deixassem só, porque desejava descançar para poder no dia seguinte continuar a jornada para San-Vicente de la Barquera.

Obedeceram-lhe todos, porque, como elle, careciam tambem de descanço, e o senhor de Hevia, que vivia só, porque enviuvára e seus filhos estavam em Castella, mandou no mesmo instante que se conservasse o arranjo da sala, e ninguem podesse usar da cadeira que servíra no jantar ao seu augusto hospede.

Outro episodio de então merece ser referido. Carlos pedíra que lhe servissem sardinhas, pescado que unicamente se via na mesa dos pobres. Os asturianos, vendo a preferencia que o novo soberano dava ás sardinhas, tiveram-n'as desde aquelle momento em grande consideração, e foi no futuro um dos manjares mais predilectos e aristocraticos. Quanto póde a adulação junto dos principes!

Mas isto não vem para o caso n'este romance.

O senhor de Hevia, porque D. Carlos expressára o desejo de ficar só, guiou-o ao quarto que lhe destinára para descançar, os pagens tiraram-lhe as armas, e o moço principe disse aos criados do quarto que não lhe perturbassem o somno, e, reclinando-se em um leito monumental, como os que se viam frequentemente n'aquella epocha nas casas das pessoas abastadas ou nobres, deixou correr livremente a imaginação, que, para lisonjeal-o e dar-lhe prazer, lhe reproduzia aos olhos, como se elle realmente visse, a scena da apparição da mulher de extraordinaria belleza, que não quizera dizer a D. Carlos o nome, apesar das instancias empregadas, nem o destino que levava.

IX

MARIA

O quarto onde o principe D. Carlos descançava tinha uma janella gothica que dava para um jardim. A luz entrava coada por uns vidros de côres, e o interior apresentava um aspecto estranho, mui conforme, porventura, com as idéas singulares que agitavam o que alli momentaneamente pernoitava.

Queria o principe conciliar o somno, e era-lhe impossivel.

— Onde a poderei encontrar? perguntava a cada instante.

Sem adormecer, fechava os olhos para vêl-a melhor, e, á força de cançasso, sobreveiu-lhe uma especie de lethargo. Sonhava e vivia ao mesmo tempo; ouvia todos os murmurios que resoavam em volta de si, e estava, comtudo, longe e muito longe d'alli.

Não teria decorrido meia hora quando se lhe figurou ouvir os accordes de um bandolim. Resoou pouco depois uma voz de accentuação dulcissima e melancolica. Qualquer diria que se abríra um sepulchro e d'elle saíra a voz. Tão tristes eram as endechas e com tamanha tristeza as pronunciavam!

De subito, D. Carlos abriu os olhos e se incorporou no leito; passou as mãos pelo rosto como para se certificar de que estava acordado, de que a voz e a musica eram verdadeiras, e de que não o allucinava uma illusão.

A voz continuava a cantar as admiraveis endechas, e Carlos comprehendeu, pelo timbre e pela doçura, que era a voz de uma mulher. Mas quem podia ser esta mulher que, contra sua vontade, lhe recordava a mysteriosa apparição?

A falta de somno animou a sua curiosidade, e, levantando-se, aproximou-se da janella, porque d'alli ouvia melhor a voz e a letra dos versos.

Esteve algum tempo enlevado a ouvir a musica, que se derramava como balsamo no seu agitado coração, e, quando deixou de ouvil-a, impellido por força sobrenatural, chamou um pagem.

— Rogero, ouviste cantar ha uns instantes?

— Ha uns instantes que deixei de ouvir...

— Averigua quem é essa mulher cuja voz ouvimos, e volta a dizer-me o que soubeste. Sê cauteloso nas informações, e não digas a ninguem o que te incumbi. Hei de recompensar-te bem.

O pagem saiu logo, e, passado algum tempo, voltou ao quarto do monarcha.

— Que soubeste?

— Saberá, meu augusto senhor, que a mulher, cuja voz nos encantou, é uma orphã que móra n'este palacio.

— Viste-a?

— É formosa quanto se póde ser. Um criado do senhor de Hevia me contou a historia da orphã. Perdeu o pae na tomada de Granada; a mãe ficou viuva com duas filhas, a que ouviu, e outra cuja residencia se ignora aqui. A mãe retirou-se para uma pequena propriedade que possuia n'estes sitios, mas um incendio destruiu-lh'a haverá seis annos, e a unica filha que vivia ao seu lado ficou, por consequencia, orphã e pobrissima. O senhor de Hevia compadeceu-se de tamanha desgraça, recolheu-a, e n'esta casa, onde reside agora, cuida do seu bemfeitor e suavisa-lhe as horas da velhice com as lindas canções que aprendeu com os trovadores da Galliza. Está sempre muito triste, porque, segundo me disseram, é summamente carinhosa, e perdeu todas as pessoas que amava. Perdeu o pae, depois perdeu a mãe, e da irmã sabe apenas, porque assim lh'o referem, que na edade de nove annos fôra raptada por uns ciganos, já fascinados pela sua belleza, sendo desde então inuteis todos os esforços para tornar a encontral-a. São estas as informações que pude obter.

— E como se chama?

— Maria.

— Guarda segredo ácerca d'isto e do mais que for necessario saber... Chama o meu primeiro camarista, e dize-lhe que venha sem demora.

O pagem saiu, Carlos dirigiu-se novamente á ja-

nella, e descobriu no jardim a joven, que passeiava em companhia do velho fidalgo de Hevia.

Vendo-a, recuou dois passos, e exclamou profundamente commovido:

— É ella!

— Quem, senhor? perguntou o primeiro camarista, Guilherme de Croy, senhor de Chièvres.

— Ah! és tu! disse o rei mostrando serenidade... Ouve... vês aquella rapariga que passeia pelo jardim com o dono da casa em que estamos?

— Vejo, sim, meu senhor... é lindissima.

— Devemos partir ámanhã de madrugada, mas eu hei de tornar a vêl-a em Valhadolid. Comprehendes?

— Comprehendo... e será obedecido, disse Guilherme de Croy com o sorriso cynico que nunca deixava de entreapparecer-lhe nos labios.

Decorreram algumas horas; entrou a noite, o principe adormeceu, e no dia seguinte, de madrugada, saíu de Villaviciosa com sua irmã e a comitiva, dirigindo-se a San-Vicente de la Barquera.

— Satisfazer-se-hão os meus desejos? perguntou ao camarista antes de partir.

— Os desejos de vossa magestade são ordens, respondeu o senhor de Chièvres. Vêl-a-ha em Valhadolid. Por isso respondo eu com a minha cabeça.

O rei partiu, embarcando por não poder ir por terra a San-Vicente, e ordenou alli que a esquadra fosse reunir-se em Santander.

(Continúa) B. A.

A POESIA DAS TRADIÇÕES

(Vid. pag. 150)

III

Na vasta pleiade de poetas que n'este seculo despontaram no firmamento litterario da França, uns, como Victor Hugo, soletraram na biblia do progresso o verbo ardente do futuro; outros, como Lamartine, traduziram as vagas aspirações de uma geração que mal entendia os pensamentos que se lhe agitavam nos seios da alma; outros, como Musset, obrigaram a musa a curvar-se a todos os caprichos encantadoramente profanos do poeta; outros, como Briseux, debruçados sobre as ruinas do passado, engastaram devotamente no oiro da sua poesia as tradições, as crenças, as lendas, os costumes da sua patria.

Quando classifico d'esta fórma a indole poetica d'estes escriptores, abstráio, entendam-n'o bem, da poesia innata e commum a todos os poetas, da que se inspira nos affectos do coração, na contemplação da natureza, na vaga *rêverie* que alheia o animo das preoccupações terrenas, e o engolpha na região luminosa que franqueia de par em par as suas portas a todos os espiritos onde chammeja o fogo sagrado, sejam quaes forem as suas predilecções. Esse é o eterno e inalteravel thesouro da poesia de todos os tempos, desesperos de alma, gritos de desalento, suspiros de amor, arrôbos melancolicos, sonhos doirados, desillusões e tristezas; esse é o campo neutro onde todas as phantasias se encontram, onde a harpa, a lyra e o alaúde despertam os mesmos echos. O auctor da *Lenda dos seculos*, o auctor da *Namouna*, o auctor de *Jocelyn*, e o auctor dos *Bretões*, embora as suas musas sejam de tão diversa indole, irrompem nos mesmos cantos quando um affecto ou uma dor qualquer lhes despertam as fibras do coração. A differença consiste no modo como os impressionam as idéas dos seus contemporaneos, no modo como encaram a sociedade que os rodeia.

Victor Hugo tem a crença firme e ardente do progresso. A illustração universal é para elle a suprema poesia; o enlace devaneado dos povos da terra no abraço da fraternidade é a sua suprema aspiração. A phantasia incende-se-lhe ao contemplar os muros luminosos da Jerusalem do futuro. O espirito prophetico ergue-o aos cumes da inspiração mais sublimada. Ouve o hymno da paz e do amor resoar vagamente no horisonte nebuloso que se rasga aos seus olhos, e que deixa brotar do seio em jorros de fulgor o sol dos novos tempos. Cada conquista do espirito civilisador é saudada por elle com enthusiasmo, os seus labios convulsos fremem no extase admiravel ao soltarem esses dois cantos sublimes que se intitulam *Pleine mer*, *Plein ciel*. O vôo ingente da aguia adquire desconhecidas proporções. Batendo as azas transpõe os evos e vae poisar, com um grito magestoso, no fecho da cúpula immensa do templo da civilisação.

Lamartine isola-se da sociedade e encerra-se no recinto do templo christão ou no sanctuario da familia. A sua musa não se preoccupa muito com os interesses da humanidade. A poesia é para elle um jardim tranquillo e ameno, onde vae descançar quando se sente fatigado pelas luctas da tribuna ou pelas commoções da praça publica. Elle mesmo o diz n'um dos prologos dos seus livros: «Fiz versos, como o trabalhador canta, para me alliviar do cançasso.» A sua poesia é quasi sempre essencialmente individual. Nos seus poemas canta o homem e não a humanidade. A musa é a virgem casta que elle desvia cuidadosamente da turbulencia do mundo, e que leva comsigo para o fundo das solidões

Comme un amant jaloux de sa chaste beauté.

Musset afasta a musa tambem do mundo agitado das idéas, não porque tema que estas a profanem, mas porque teme que a enfastiem. Lamartine levanta uma barreira entre a vida da sociedade e a vida da imaginação, e tem, como Cicero, uma casa em Roma, outra em Tusculum. Além as agitações do Foro, aqui a doce contemplação phylosophica e poetica. Musset atravessa o Foro e o templo com o sorriso do sarcasmo nos labios, e solta ás auras as suas trovas de amores, interrompidas por um ou outro verso motejador, que vae, silvando, encravar-se no seio d'essa sociedade, que lhe não parece digna de que a poesia cante as suas agitações, estereis no entender do gracioso poeta.

Briseux, cujo nome é menos conhecido fóra de França que o dos grandes escriptores que citámos, talvez porque a sua poesia tem um caracter mais nacional do que universal, é o que representa esse genero de poesia a que demos o nome de poesia das tradições, e que se volta obstinadamente para o passado, contemplando com indizivel melancolia o afundar das velhas crenças no oceano do esquecimento e da indifferença. A saudade é a feição predominante dos seus versos. Não lhe fallem n'essas esperanças do futuro que tanto enthusiasmam Victor Hugo; para elle a poesia reside unicamente na velha capella abandonada, na devota lenda do santo, nos costumes patriarchaes da sua querida Bretanha. A sua musa nem é timida como a de Lamartine, nem desdenhosa como a de Musset. Comprehende e aprecia a poesia das evoluções do espirito da humanidade; mas para elle toda essa poesia reside no recinto do velho edificio que desaba, e não no do novo edificio que se ergue. Esse passado que Victor Hugo descreve pelo seu lado sombrio e aterrador, esse passado que o pincel vigoroso do exul de Hauteville-house faz brotar em grandes massas negras da téla da historia, Briseux só o encara pela sua face docemente singela, e desenha-o afagando-o amorosamente com o lapis despretencioso. Parece-me que não é para se desprezar esta poesia, e que os esplendores immaculados da aurora são muitas vezes vencidos pelo colorido terno e melancolico do crepusculo da tarde.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.